Lusíada
Repositório das Universidades Lusíada

Universidades Lusíada

Silva, Júlio Joaquim da Costa Rodrigues da, 1958-

Recensão : "Dangerous Nation" de Robert Kagan

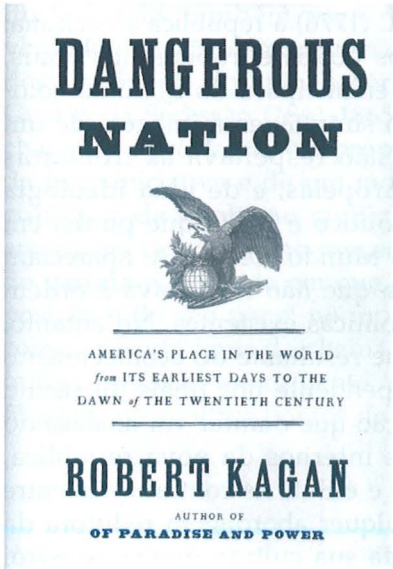
http://hdl.handle.net/11067/7717

Metadados

Data de Publicação	2006
Editor	Universidade Lusíada Editora
Palavras Chave	Kagan, Robert, 1958- - Crítica interpretação, Estados Unidos - Relações externas - História
Tipo	article
Revisão de Pares	Não
Coleções	[ULL-FCHS] LH, s. 2, n. 03 (2006)

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-11-22T16:24:05Z com informação proveniente do Repositório

http://repositorio.ulusiada.pt



ROBERT KAGAN, *Dangerous Nation. America's place in the world from its earliest days to the dawn of the twentieth century*, New York, Alfred A. Knopf, 2006.

Após ter provocado uma grande controvérsia nos Estados Unidos da América e na Europa com *Paradise and Power*, Robert Kagan volta a pegar num tema susceptível de promover um vivo debate entre os historiadores e a opinião pública. Em *Dangerous Nation* abandona a perspectiva de *Paradise and Power* centrada na incompreensão mútua dos povos dos dois lados do Atlântico e preocupa-se com a imagem dos Estados Unidos da América do Norte no mundo. Traduz a preocupação comum a boa parte dos cidadãos americanos, no período posterior aos atentados das *Twin Towers* de 2001 e aos acontecimentos subsequentes que culminaram com a actual Guerra do Iraque. Trata-se de compreender a aparente animosidade anti-americana, não só do terrorismo fundamentalista de raiz islâmica, mas igualmente de boa parte da opinião pública mundial nomeadamente a europeia. A resposta a esta questão leva-o a realizar uma viagem no tempo até aos primórdios da história dos E.U.A., para explicar aos seus compatriotas a evolução desta aparente animadversão universal desde as origens até à alvorada do século XX. A nação americana habituada a ter uma imagem grandiosa do seu papel no progresso da humanidade com elevado grau de auto-estima, resultante do seu papel de única superpotência dos inícios do novo milénio, tem dificuldade de compreender esta rejeição política e cultural global. O facto de residir em Bruxelas com a família e de conviver com os meios intelectuais europeus, facilita a tarefa de Robert Kagan de entender este absurdo, totalmente incompreensível para muitos dos seus concidadãos.

A explicação desta contradição só se torna possível se se tiver em

conta que, desde a Independência dos E.U.A. (1776) a república americana. surgia como duplamente perturbadora aos povos europeus dos quais, paradoxalmente, era uma extensão que se emancipara do domínio colonial britânico. O novo estado projectava em simultâneo a imagem de um expansionismo territorial ilimitado, que não respeitava as fronteiras estabelecidas pelas potências coloniais europeias, e de uma ideologia revolucionária portadora de um modelo político e social que punha em causa as hierarquias estabelecidas no Velho Mundo. Os E.U.A. apareciam assim como uma república muito agressiva que não respeitava a ordem internacional nem as estruturas sociais e políticas existentes. No entanto, o aspecto anómalo não se reduziu ao choque resultante do acontecimento inédito do seu nascimento como país independente nos finais do século XVIII. Resultou também da posterior evolução que o autor vai analisando sucessivamente para salientar os conflitos internos da nova república, sobretudo o constante choque entre o Norte e o Sul. As contradições entre estas "duas américas" torna impossível qualquer abordagem redutora da política norte-americana, mas igualmente da sua cultura que se constrói em torno da expansão em direcção ao Oeste e ao Sul. Neste ponto confrontamos-nos com a problemática central do problema da escravatura que divide a federação mesmo que essa divisão não seja sempre radical. A república do *Manifest Destiny* de Monroe não é só detestada pela sua pretensão de afastar as potências europeias da América, nem pela maneira agressiva como edifica o seu espaço nacional à custa dos índios e dos mexicanos na primeira metade do século XIX. A persistência, em boa parte do seu território, da escravatura dos afro-americanos e das tentativas de exportação deste modelo social e político arcaico através da anexação de novos territórios em Cuba e na América Central, era considerada inaceitável por boa parte da opinião pública europeia. Especial destaque tinha a Inglaterra empenhada numa campanha para a abolição do tráfico de escravos que se via confrontada com a irredutível oposição dos Estados Unidos da América ou melhor dizendo do Sul. Assim sendo, os E.U.A. eram o *Rogue State* da cruzada anti-esclavagista britânica do século XIX, daí derivando graves problemas com a *Royal Navy* que perseguia os navios negreiros americanos e pressões internacionais constantes para a sua abolição. Seja como for, a escravatura de problema tornou-se rapidamente o elemento que, no final dos anos 50 e inícios dos anos 60 do século XIX, permitiu a emergência de uma "autentica revolução" política com o agrupamento de diversos grupos no partido republicano de Lincoln. O pensamento político que vai emergir deste mistura ideológica reunindo antigos membros do partido *wigh*, dos *free soil*, dos radicais abolicionistas e dos democratas dissidentes, recria a imagem interna e externa dos Estados Unidos da América. A república americana trava uma longa guerra civil não só para se desembaraçar da velha instituição da escravatura dos estados

do Sul, mas também para reconstruir a federação tornando-se uma verdadeira nação democrática onde todos os homens serão livres ! O triunfo desta proposta dotou a América do período da reconstrução posterior à Guerra da Secessão (1861-1865), com uma visão de si mesma como nação chamada a proclamar e a propagar mundialmente os valores da liberdade, da livre iniciativa e de um modelo de sociedade capitalista considerada o culminar da evolução civilizacional do Ocidente. O conflito hispano-americano de 1898 é, ao mesmo tempo, um ponto de chegada e um ponto de partida na medida em que confirma a visão do povo americano da sua posição e do seu papel no mundo. Os americanos vêem-se cada vez mais como os portadores da chama da liberdade e da civilização a oferecer aos outros povos e, logicamente, capaz de justificar posteriores intervenções libertadoras noutros pontos do mundo em nome de uma *Humanitarian War*.

Júlio Joaquim da Costa Rodrigues da Silva